Anno 1.º Villa Velha de Rodam, 15 de dezembro de 1895 N.º 2

O RODENSE

FOLHA QUINZENAL

REDACTOR, ADMINISTRADOR, EDITOR E PROPRIETARIO = EUZEBIO PEREIRA PINTO

ASSIGNATURAS

Anno . . . . . 600 réis.

Semestre . . . . . 300 »

ANNUNCIOS

Cada linha . . . . . 10 réis.

Os numeros avulsos e atrasados custam 100 réis cada um exemplar

EXPEDIENTE

A todos os cavalheiros a quem enviamos o nosso jornal e que nos não queiram honrar com a sua assignatura pedimos a fineza de o devolver á redacção.

A redacção acceita quaesquer informações de interesse geral e abre as suas columnas aos seus assignantes para n'ellas poderem expor as suas ideias rogando-lhes contudo que se abstanham de offender de qualquer forma os magistrados e funccionarios publicos e a vida particular dos cidadãos.

A's redacções dos jornaes a quem enviamos o Rodense pedimos a honra da permutta o que antecipadamente agradecemos.

Chronica politica

Impingindo *victorias* por banha de cheiro, tem o governo de El-rei Nosso Senhor procurado desviar a attenção do paiz da serie de escandalos que ultimamente se descobriram.

Desde a queda do sr. Ferreira d'Almeida até ao escuro cazo da vice-governação do Banco hypotecario, quantos titulos de gloria não adquiriu o governo em poucos dias?

Cento e cincoenta mil litros de alcool que se *evaporam*; o caso do transporte «Dannia»; o escandalo da barca «Dora», etc., etc., etc., tudo o governo procurou escurecer com *Te-Deums*, recitas em beneficio de empreza particulares, e grandes manifestações de admiração pela *derrota do Gungunhana*, chegando a insania da imprensa governamental ao ponto de comparar Magul e Manjacaze a Iena e a Austerlitz!

Que o governo se sirva dos seus corregedores para amordaçar aquelles que pregam bem alto os escandalos da camarilha vá! Mas que esteja expondo á critica e ao ridiculo, uma instituição tão nobre e que tão bem sabe cumprir com os deveres da sua elevada missão, isso é que revolta e merece severo correctivo.

Todos sabem o que foi e é o exercito portuguez.

Desde Ourique, até Manjacaze nunca esqueceu o que a si deve e o que deve á patria. A sua epopeia brilhantissima está escripta em cada pagina da nossa historia; e se a sua estrella se offuscou em Alcantara foi para surgir mais radiante nas batalhas do Montijo, Elvas, Ameixial, Bussaco e tantas outras.

Para que, então, tantos *Te-Deums* tanta glorificação e sobretudo tanta admiração por uma coisa que decerto se esperava e que alem d'isso está muito longe da significação que lhe querem dar? Pois a entrada da columna de operações em um kraal abandonado significará a derrota e a anniquillação do Gungunhana? A' face da boa razão, tantas manifestações se fazem recahir sobre o exercito portuguez o ridiculo que resultaria a um homem se lhe fizessem *Te-Deums* por ter restituido a seu dono uma carteira que tivesse encontrado. Esse homem não cumpriria mais que o seu dever assim como os nossos expedicionarios o cumpriram. Dizer-se que está terminada a guerra quando ainda se não avistaram mais que as guardas avançadas do inimigo, são asserções que, apesar de bonitas, não fazem mais que desprestigiar aquelles que alem mar se esforçam para consilidar o nosso abalado dominio. Mas que importa ao governo o desprestigio do exercito? Não o vemos nós enviar para a India uma expedição sem munições, sem os indispensaveis serviços auxiliares e com artilheria impropria para o serviço a que se destinava? Que importa ao governo o prestigio de exercito se o vemos *convidar* o exercito representado nas pessoas de distinctos officiaes a comparecer na farçada de D. Maria? E como se não bastassem tantas affrontas ainda o governo houve por bem obrigar, illegalissimamente, a prestarem serviço soldados que tinham terminado o tempo marcado pela lei! Mas que importa isso a este governo que obriga um seu collega a exonerar-se para não ser conveniente em operações bem combinadas? Que importa isto se o governo em sua alta sabedoria julga que o exercito só serve para conter o regosijo aos povos esbulhados das suas mais caras regalias?

* * *

Vem a Lisboa o imperador da Allemanha. E este facto suggere-nos algumas considerações profundas que vamos expender e que esperamos terão echo em toda a Europa e que a historia registrará como a mais feliz manifestação do pensamento no reinado do sr. D. Carlos Nosso Senhor.

As quaes considerações (ouçam!—ouçam!) são as seguintes:

Que conceito farão os nossos credores do pagode demasiadamente caro em que o sr. D. Carlos está mettendo o paiz?

Physica, moral, e commercialmente fallando Portugal é um paiz fallido. E não é costume o chefe de uma casa fallida andar em viajatas convidando para sua casa hospedes cujas visitas lhe acarretem despezas com a importancia das quaes poderia pagar alguns calotes.

Talqualmente o que acontece com Portugal. Com o dinheiro que se vae gastar em pomposas festas e paradas pagaria o governo o que deve aos empreiteiros d'obras publicas e ainda lhe crescia dinheiro.

A não ser que, como já se fez com a viagem real, se diga que todas as despezas correm por conta do regio bolsinho...

E' fresco esse bolsinho! Por causa d'elle é que o orçamento do ministerio da guerra está em nove mil contos...

Estiveram n'esta villa os srs. José Joaquim Simões e Arthur José da Silva, redactor do nosso presado collega *O Cabula* de Castello Branco.

A fim de assistirem ás eleições camararias estiveram tambem n'esta villa, entre outros cavalheiros os nossos amigos padre Izidoro Gomes Ruivo e José de Pina ambos de Sarnadas.

O Concelho de Villa Velha

No relatorio que precede a nova reforma administrativa diz-se que na divisão concelhia a que ella dava lugar se olharia ao bem estar e commodidades dos povos e a que estes não sofressem extraordinario gravame. Se não são estas as palavras textuaes do relatorio o sentido porem é este.

Com a extincção do concelho de Villa Velha falsearam-se todas estas promessas que, de resto não illudiram ninguem.

Este concelho, durante o longo periodo da sua existencia, pagou honradamente aos seus empregados, fez os melhoramentos compativeis com a sua receita, e, quando foi extincto apresentou um saldo relativamente importante. Os seus principaes cursos d'agua estão guarnecidos de pontões. Tem alguns kilometros de estrada a mac-adam feitos á sua custa e outros muitos melhoramentos que omittimos e as contribuições municipaes nunca excederam 40 p. c. das contribuições geraes do estado. Onde está pois o extraordinario gravame justificativo da suppressão?

Se attender-mos ás commodidades dos povos, veremos que pelo mais futil motivo terão muitos contribuintes de percorrer pelo menos cem kilometros para irem á actual séde do concelho.

Ora percorrer esta distancia e tratar do negocio que obriga a tão grande caminhada é coisa que se não pode fazer sem perder pelo menos tres dias.

Mas, dizem os sabios que se locupletam á custa do povo, têm o caminho de ferro!

A estes observaremos nós que o transporte em caminho de ferro custa dinheiro; e, se a reforma administrativa teve em mira protejer indirectamente a archifallida companhia Real, então é outro caso. Deixa de ser uma reforma administrativa para ser o apanagio da mais atroz das ladroeiras.

Um argumento, e bem triste é elle, é a falta de melhoramentos que dizem haver no extincto concelho de Villa Velha.

Já dissemos que ha alguns de bastante importancia e outros que, apesar de insignificantes, prestam bom serviço aos povos, e todos elles foram feitos á custa da municipalidade. Que os albiscatrenses nos perdoem se os offendemos! Mas que melhoramentos se teem realisado na sua cidade, capital de provincia e de districto, á custa do municipio?

Alguns que ultimamente se teem feito são-o, ou á custa do thesouro, ou á custa de emprestimos de muitas dezenas de contos; pouquissimas e essas mesmo insignificantes, são as obras construidas á custa dos reditos municipaes.

Ora, se isto acontece em uma cidade importante, não admira que n'uma pequena villa houvesse poucos melhoramentos materiaes; o que admira é que não houvesse dividas; essas felizmente não as havia.

Que na reforma administrativa não se obedeceu a cousa alguma mais do que aos interesses de uma roles e nojenta politica, está provado ha muito; e foi por isso que os albiscatrenses, com raras excepções, se abstiveram de manifestações de regosijo quando receberam a noticia da suppressão d'este concelho e da sua annexação a Castello Branco. Os vivas, soltados por tres ou quatro individuos affectos á actual situação politica, nada valem, nenhuma significação teem. Esta é que é a verdade e as recentes nomeações de deputados, nas quaes o povo albiscatrense soube responder condignamente aos manejos de uma politica inqualificavel, abstendo-se quasi por completo de figurar na farça eleitoral, o provaram.

Continuaremos.

Eleições municipaes

Effectuaram-se, como estava annunciado, no dia oito do corrente as eleições camararias.

O governo *das forças vivas* absteve-se de apresentar candidatos, por estar certo de antemão da monumental derrota que o esperava.

N'esta villa esteve a eleição muito animada, concorrendo á urna tresentos e cincoenta e cinco eleitores.

O acto eleitoral correu com regularidade.

Foram eleitos vereadores os cavalheiros que compunham a lista apresentada pela opposição.

Felicitamos os eleitos, nossos prestantes correligionarios.

Exames judiciaes

Não publicamos hoje os documentos a que no nosso ultimo numero nos referimos sob a epigraphe que encima esta local, por serem muito extensos e dispor-mos de pouco espaço.

Em todo o caso, esses documentos estão patentes n'esta redacção, ao dispor de quem quizer avaliar de *visu* a moralidade, (pum!—pum!) do sr. Antonio Joaquim da Rocha.

FOLHETIM 2

GEORGE OHNET

O GRANDE INDUSTRIAL

I

Emquanto o seu interlocutor falava, o marquez observava-o attentamente. Debaixo d'esse trajo rustico, adivinhava-se um homem de distincção. Aquelle rosto, emmoldurado por uma barba preta, era correcto e intelligente. As mãos eram finas e bem talhadas. Além d'isso o desconhecido trazia ao hombro uma espingarda de rica simplicidade, que attestava a sua procedencia ingleza.

—Agradeço a sua amabilidade, continuou o marquez friamente, mas não tenho a honra do conhecer o sr. Derblay. Sei unicamente que é um visinho incommodo com quem temos relações desagraveis. Prometo-lhe não tornar a estas terras. Estou apenas desde hontem em Beaulieu. Conheço mal o terreno e o meu amor pela caça levou-me além dos meus limites. Não me tornará a encontrar aqui.

—Como quizer, sr. marquez, respondeu o homem da *blouse* com affabilidade. O sr. Derblay considerar-se-ia feliz, posso garantir-lh'o, em lhe provar que se é visinho incommodo, é contra sua vontade, e que se invadio o dominio de Beaulieu foi unicamente para construir o caminho de ferro da mina. Creia-o arrependido do que fez e prompto a dar qualquer indemnisação, se assim o exigirem. Os limites entre propriedades visinhas são algumas vezes bem incertos, accrescentou sorrindo. O sr. marquez acaba de o reconher. Não julgue pois o sr. Derblay superficialmente. Arrepender-se-ia de certo da sua severidade.

—O senhor é de certo amigo do dono da fabrica? perguntou o marquez encarando o seu interlocutor, um dos seus empregados talvez; defende-o com tanto enthusiasmo...

—E' natural o que faço sr. marquez.

E mudando subitamente de conversa:

—Mas, parece-me que não foi hoje muito feliz tanto em Beaulieu, como em Pont-Avesnes? O sr. Derblay tem orgulho pela sua caça, e de certo lhe seria desagradavel que se dissesse que sahira d'este bosque sem levar alguma. Queira acceitar esta lebre, sobre a qual disparou, e juntar-lhe mais quatro perdizes.

—Não posso acceitar respondeu o marquez com vehemencia. Guarde-as, por favor; offender-me-ia insistindo.

—Sob pena de lhe desagradar, insisto. Deixo a caça alli, sobre o muro. O sr. marquez fará o que quizer. Tenho a honra de o comprimentar...

E em dois passos embrenhou-se no bosque.

—Senhor, senhor, exclamou o marquez.

O homem da *blouse*, porem já estava longe.

—Aqui está uma singular aventura! murmurou o caçador.

O cão tinha-se dirigido para o muro e tomando cuidadosamente uma perdiz na boca, veiu trazel-a a seu dono. O marquez sorriu-se acariciando-o.

—Tu não queres que nos

Ao sr. administrador do concelho

Sob esta epigraphe chamámos no nosso ultimo numero a attenção d'este cavalheiro para o facto de n'esta villa andarem vagabundeando dois rapazes de Castello Branco.

Não foi debalde que appelámos para o sr. administrador.

Já esteve n'esta villa por ordem de s. ex.ª o pae dos referidos menores, o qual os conduziu para Castello Branco.

Agradecendo a tão digno funccionario a promptidão com que nos attendeu, o que aliás já esperavamos pois conhecemos de perto as qualidades que exornam o seu bello caracter, não temos senão que nos congratular com o successo dos nossos esforços, impedindo que duas creanças fossem descendo, degrau a degrau, a escada do crime cujo ultimo patamar seria sem duvida uma —negra enxovia.

E aproveitando o ensejo chamamos a attenção de s. ex.ª para o seguinte facto:

De quando em quando as auctoridades de Niza remettem para aqui presos, para de cadeia em cadeia seguirem para a terra da sua naturalidade.

Acontece porem o seguinte: o preso dá entrada na cadeia e até que passados um ou dois dias, os cabos de policia o conduzem para Castello Branco ninguem olha para elle a não ser alguma alma caridosa que lhe dá alguma cousa para se alimentar pois que o carcereiro é pobre e não pode á sua custa sustentar os presos que continuamente lhe remettem.

Estamos certos que s. ex.ª remediará esta falta. Bem basta a estes infelizes a privação da liberdade e aggravar a sua desgraça com as torturas da fome é triste e deshumano.

Aos nossos leitores

Os typographos e o revisor do *Rodense*, de certo com uns restos de enthusiasmo por causa do

Portugueses é chegado

fizeram cousas do arco da velha no nosso primeiro numero. Chamaram Pebeira ao redactor, Boya ao sr Boyer, enfim arranjaram cada uma, pae do ceu!

Que os frios hibernaes lhes acalmem o enthusiasmo e que santa Luzia lhes aclare a vista, são os nossos votos mais ardentes.

E os leitores desculpem os rapazes....

Têm cada amor da patria....

RIDICULOS

UM JANTAR GORADO

Em primeiro logar:

Alguns amigos nos teem estranhado o occupar-mos tanto espaço com referencias ao sr. Antonio Joaquim da Rocha.

De todo o coração concordamos com elles em que elle não merece o trabalho do compositor, mas o que os nossos amigos não sabem é que elle (elle é o sr. Antonio Joaquim da Rocha) tem perseguido tenazmente o redactor d'este jornal por todos os modos, maneiras e feitios.

A vingança é o nectar dos Deuzes, dizem. Ora como o redactor d'este jornal é apenas um homem que se defende, atacando, para lhe reduzir a lingua a um simples orgão de deglutição não póde isto ser tomado á conta de vingança. E' a represalia já encetada na *Folha do Povo*; é o mostrar ao mundo o que é esse homem que para ahi prega constantemente moralidade sem ao menos comprehender que devia para o poder fazer dar o exemplo. Temos muito a tratar mas, para ridiculo, vae hoje:

Um jantar gorado

Todos sabem quanto o sr. Antonio Joaquim se exforça proclamando as intimas relações de amisade que o ligam aos magistrados d'esta comarca. Pois bem. Quando constou em Villa Velha que estes magistrados vinham proceder a um certo exame o sr. Antonio Joaquim da Rocha começou dizendo a toda a gente que s. ex.as iam jantar a sua casa e que um dos mesmos magistrados ficava em casa d'elle (elle é o sr. Antonio Joaquim da Rocha) uns quatro ou cinco dias. Chegou o dia aprazado. A comadre Maria Joanna, *ad hoc* arvorada em cosinheira, pressurosa se desempenhava do seu mister. Mesa posta; tudo prompto. Eis que chegam os magistrados; procedem ao exame e retiram-se para Castello Branco sem ao menos entrarem em casa do nosso *amigo*.

Para encobrir o fiasco dizia elle na cosinha á comadre: Não jantaram cá por causa... da trovoada!

A' noite, na cama, dizia-lhe a cara consorte:

—Bem dizia eu; para que compraste o pão e o vinho antes de entrarem? Lá se foram dois patacos de pão! Ainda o vinho manda-se outra vez para a taberna. — Diz-se que sabe a azedo... Que despeza perdida... Que vergonha (?!)

---

vamos embora sem levar alguma cousa, hein?

E guardando na bolsa de caça a lebre e as quatro perdizes, o marquez tomou o caminho de casa.

O castello de Beaulieu é uma construcção do estylo Luiz XIII, que se compõe d'um corpo principal e de dois lateraes. E' todo construido de pedra. Os tectos ponteagudos dos corpos lateraes são encimados por altas chaminés esculpidas, de grande valor artistico. Adiante do castello estende-se um vasto jardim, de quinhentos metros de comprimento, rodeado por uma gradaria de ferro. Desce-se ao jardim por uma escada d'oito degráos, debaixo da qual existe uma gruta.

Este jardim, exposto ao meio-dia, é no, fim do outono, um logar delicioso para passeio. A vista alli é deslumbrante. O castello, situado sobre a collina fronteira ás vinhas e aos rochedos do Pont-Avesnes, está cercado por um parque de cem hectares, que desce até ao valle. As officinas do sr. Berblay teem prejudicado a belleza da paisegem e perturbado o recolhimento do campo.

O castello estava deserto desde muitos annos. Marquez de Beaulieu, pae do caçador que já conhecemos, achando-se aos vinte annos, em 1845, possuidor d'uma grande fortuna, levava em Paris uma vida d'orgia.

O marquez vinha passar em cada anno tres mezes a Beaulieu, na epoca da caça. Era uma festa para a aristocracia das proximidades. E a faustosa prodigalidade do castellão enriquecia a villa para todo o inverno.

Quando rebentou a revolução de 1848, os lavradores de Pont-Avesnes, electrisados pelos discursos socialistas d'alguns desordeiros, decidiram-se a recompensar a generosa protecção do marquez, saqueando-lhe o castello.

Armados d'espingardas, levando adiante a bandeira vermelha, atacaram o castello, cantando a *Marselheza*. Arrombaram as portas e, espalhando-se no interior do edificio, roubaram grandes valores e quebraram o que não podiam levar. Um d'elles descobriu a entrada da adega e chamou os companheiros.

Os vinhos do marquez eram escolhidos, e os assaltantes apreciaram-os como conhecedores.

A embriaguez deu-lhes o desejo de praticar violencias. Percorrendo os jardins do parque, que estavam tratados com o maior cuidado, começaram a devastar as plantas, e a quebrar os vasos de marmore.

Entre um massiço de verdura, erguia-se uma admiravel *Flora* de Pradier sobre um pedestal, humedecido pela proximidade d'uma cascata.

Um dos assaltantes ia arrasar com o cajado aquella soberba estatua, quando o mais ebrio de todos tomado repentinamente d'um accesso de sensibilidade, se collocou em frente da primorosa escultura, declarando-se amigo das artes, prompto a matar o primeiro que se atrevesse a a quebrar a estatua. A *Flora* foi salva.

Então, para se indemnisar, pensaram em plantar uma arvore da liberdade.

(*Continua*).

Rifas e ladroeiras

A' cerca da local que, com este titulo publicámos no primeiro numero do *Rodense*, escreveu-nos o sr. José Maria da Rosa, ex-presidente da direcção do Monte-pio Operario Artistico Portalegrense uma carta que pela sua extensão não publicamos.

N'essa carta justifica aquelle sr. a demora que tem havido na extracção da rifa a que alludiamos na local referida não só com as difficuldades inherentes a emprezas d'esta ordem e com o empenho que tinha a direcção do Monte-pio de que os bilhetes fossem isentos do pagamento do imposto do sello, para o que se dirigiu ao sr. ministro da fazenda e a outros cavalheiros, mas tambem porque ha bastantes mezes que a Santa Casa da misericordia de Lisboa não emmitte loterias de 6:000 bilhetes que tantos são os da rifa, e por uma das quaes ella devia ser sorteada.

Recebemos tambem um relatorio do mesmo Monte-pio por onde se vê o grande numero de esforços que o sr. Rosa tem empregado para o engrandecimento d'aquella associação.

Recebemos a visita dos nossos presados collegas *Districto de Castello Branco* e *Defeza da Beira*, de Castello Branco; *Districto de Portalegre*, de Portalegre, e *Beira Baixa*, do Fundão. Agradecemos.

Typ. de F. Cortes Sanches
Gr. Fragoso & Leonardo
PORTALEGRE

ANNUNCIOS

FADO

ANTONIO JOAQUIM E EZEQUIEL NA BERLINDA.

ORIGINAL DE VETERANO

PREÇO 800 RÉIS

Vende-se na typographia Lello e Vieira. Rua Passos Manoel, 196 a 202. PORTO.

PROGRAMMA
DO
Curso d'Instrucção secundaria

PREÇO 200 RÉIS

A' venda na Typographia Progresso—ELVAS.

LIVROS

Arte de cortar e fazer vestidos—400 réis.

Arte de bordar a lã—200 réis.

Publicações

Annunciam-se todas as publicações litterarias de que se receba um exemplar.

MOLESTIA DE PELLE
POMADA STYRACINA

Cura prompta e radical de todas as molestias de pelle; as inpigens, nodoas, borbulhas, comichão, d'artros, herpes, lepra, panno, sardas, e as feridas antigas.

PREÇO 600 RÉIS A CAIXA

Remette-se pelo correio a quem enviar a sua importancia em vale do correio a Manuel Pinto Monteiro, rua do Monte Olivete, n.º 13—Lisboa.

Uma bella novidade litteraria

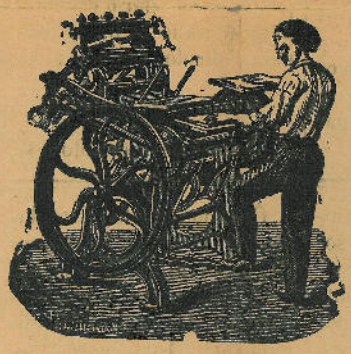
SERÕES E SÉSTAS
REVISTA DAS FAMILIAS, ILLUSTRADA
Encyclopedia popular da vida pratica

Cada numero, semanal, de 32 paginas nitidamente impressas, *40 réis*.

Como brinde aos seus assignantes, esta revista offerece volumes de romance em separado, illustrados primorosamente, sendo o primeiro a apparecer um inedito de Trindade Coelho expressamente escripto para aquella revista no genero delicado, tão querido, dos lindos contos *Os Meus Amores*.

Empreza dos SERÕES & SESTAS — Rua Nova do Loureiro, 25—Lisboa

TYPOGRAPHIA SANCHES
SOB A GERENCIA DE
FRAGOSO & LEONARDO
3, Avenida de D. Carlos, (Antigo Rocio), 4



Esta officina, fundada em 1883, e tendo sempre merecido os creditos do publico, pelo aperfeiçoamento de todos os seus trabalhos, acha-se sempre prompta a satisfazer quaesquer obras concernentes á sua arte, por preços excessivamente baratos e com maximo esmero, para o que tem o antigo pessoal da sua fundação e typos dos mais modernos, tanto nacionaes como estrangeiros.

Por preços excessivamente baratos, encarrega-se da impressão de jornaes de todos o formatos, incluindo o formato do *Seculo* ainda o de domingo. Estes jornaes podem ser até diarios, pois que esta officina alem de differentes machinas das mais modernas, possue tambem a excellente machina Marinoni, do formato maior.

BARATISSIMO!

Encarrega-se de toda a qualidade de encommenda, prompta a ser ser satisfeita na volta do correio, taes como: facturas e memoranduns; subscriptos commerciaes carimbados; ditos com annuncio no verso; bilhetes de estabelecimento com ou sem factura no verso; ditos em lindos chromos, e em cartão a preto ou a cores; recibos commerciaes, cheques ou letras; carimbos modernos, em papel commercial e de cartas; circulares; ordens para pagamento; avisos; recibos; estatutos; relatorios; peças dramaticas; romances; cartazes e programmas; rotulos de pharmacia, para expediente e outros, a uma e mais cores, por preços modicos (remettem-se cathalogos a quem os requisitar); edições de luxo com ou sem gravuras, impressões a ouro prata, cobre ou bronze sobre setim, etc., etc.

ALTA NOVIDADE=Participações de casamento, tanto em cartão como em papel de luxo, por preços excessivomente modicos.

ESPECIALDADE

EM BILHETES DE VISITA=Brancos, impressos com typos dos mais modernos e com a maior nitidez, a 200, 300, 400 e 500 réis o cento.=De lucto, a 400, 500, 600, 700, 900 e 1$200 réis o cento.

N. B.=Tem á venda pelos preços de Coimbra, grande quantidade de impressos para repartições publicas e particulares, e fazem-se todos os mais, não sendo as encommendas inferiores a 20 cadernos, fornecendo-se-lhe um exemplar do modelo pedido.